

**Tornando-se Tarólogo: Percepção
“Racional” versus Percepção “Intuitiva”
entre os Iniciantes no Tarot no
Rio de Janeiro***

*Fatima Regina Gomes Tavares***

Resumé

L' article présente le processus de l' apprentissage du tarot, tel qu' il est adopté dans les cours de formation de tarologues existant à Rio de Janeiro, depuis les années 80. En utilisant l' abordage phénoménologique, l' auteur recherche les dilèmes et tensions qui font partie de l' initiation, surtout dans ce qui concerne à la compatibilité entre la dimension “rationnelle” et la “intuitive” dans l' apprentissage des cartes, bien que du jeu.

Mots-clé: Religion, nouveaux mouvements religieux, sociologie urbaine.

* Neste artigo apresento de forma resumida a questão central de minha dissertação de mestrado (cf. a **Bibliografia** abaixo), que investiga os dilemas inerentes ao processo de encantamento vivenciado pelos iniciantes no tarot, no âmbito da cidade do Rio de Janeiro. Agradeço a Elina Pessanha, Regina Novaes, Maria Lina Teixeira, Muniz Sodré e Marion Aubree, pelas sugestões e críticas ao trabalho. Agradeço à CAPES, que me concedeu uma bolsa de estudos na França.

** Doutora em Sociologia, IFCS-UFRJ; Pesquisadora do Laboratório de Pesquisa Social, IFCS-UFRJ.

Sinopse

O artigo aborda o processo de aprendizado do tarot, tal como este vem sendo ministrado nos cursos de formação de tarólogos que proliferam na cidade desde meados da década de 80. Utilizando a abordagem fenomenológica, a autora investiga os dilemas e tensões vivenciados pelo iniciante, especialmente no que diz respeito à compatibilidade entre a dimensão “racional” e a “intuitiva” no aprendizado das cartas e do jogo.

Palavras-chave: Religião, novos movimentos religiosos, sociologia urbana.

Ao longo dos anos 80, a cidade do Rio de Janeiro registrou uma verdadeira “febre” de tarot e que vem se mantendo até hoje, de uma forma, porém, um pouco diferenciada em relação ao início deste movimento.¹ Durante todo esse período inúmeros cursos foram abertos, sendo a grande maioria na Zona Sul carioca. Tanto nas revistas da grande imprensa como na ampla gama de jornais “alternativos”,² pode-se facilmente encontrar anúncios oferecendo cursos de formação nos mais diferentes

-
- 1 A partir da segunda metade dos anos 80, o tarot – assim como a astrologia – conquistou uma posição de destaque, em relação às demais práticas esotéricas e alternativas em geral. Ao longo dos anos 90, ele vem perdendo essa posição, embora continue a ser um referencial importante – um lugar de passagem obrigatório – para o adepto do “mundo alternativo”.
 - 2 A “imprensa alternativa”, característica desta área, é uma designação muito geral, para um vasto conjunto de publicações, periódicas ou não, envolvendo uma complexa rede de afinidades entre grupos. No entanto, apesar da enorme variedade de linhas editoriais, elas podem ser agrupadas mediante algumas características básicas: a) a distribuição e a circulação percorrem um mesmo espaço social (centros esotéricos e/ou terapêuticos; escolas de iniciação de caráter filosófico; espaços religiosos e/ou meditativos de linha “oriental” ou “ocidental”, etc.); b) são jornais ofertados e não vendidos (o que implica um gerenciamento de recursos internos e uma relação específica com anunciantes); c) são pequenos jornais, de produção familiar, possuindo uma diagramação um tanto *demodé*, se

níveis, segundo a disponibilidade de tempo do aluno: são “maratonas” de final-de-semana (os “workshops”), cursos de média duração (de 1 a 6 meses) e cursos de longa duração (média de 4 anos). Sem qualquer restrição de entrada, os diferentes cursos pretendem oferecer um nítido contraponto à rotinização e ao desencantamento presentes no cotidiano da vida urbana moderna, através de um forte apelo: difunde-se que certas habilidades – como a “intuição” – não constituem privilégio de poucos; ao contrário, são acessíveis a todos, mediante um método de trabalho sistemático. O que se verifica neste contexto, portanto, é que o desenvolvimento do lado “intuitivo” e a possibilidade de uma “reinvenção” do mundo caminham lado a lado.

Constituindo a grande maioria do público interessado, diferentes segmentos das camadas médias urbanas buscaram experimentar, através do aprendizado do tarot, uma nova forma de percepção de si mesmos e do mundo, no intuito de criar alternativas a uma realidade cotidiana que, em termos sociológicos, pode ser compreendida como – potencialmente, pelo menos – *desencantada*.

Neste trabalho, pretendo mostrar a trajetória deste iniciante no aprendizado do tarot, vivenciado como uma “porta de acesso” possível a uma busca mais ampla de sentido, ou de *reencantamento* do mundo. Investigo, assim, os mecanismos pertencentes ao “domínio da razão”, através dos quais ele operacionaliza o acesso a um outro nível de consciência, identificado pelos membros do grupo como “intuição”.

comparados, por exemplo, aos jornais de grande circulação no Rio de Janeiro ou à imprensa alternativa parisiense. No Rio de Janeiro, esta imprensa alternativa pode ser subdividida em dois momentos: a) até o final dos anos 80: alta rotatividade de títulos aliada à uma baixa periodicidade (pelo que pude constatar, nenhum jornal dessa época sobreviveu – pelo menos com a mesma estrutura – à década seguinte); b) início da década de 90 (principalmente a partir de 1992): movimento de estruturação, através do surgimento de vários jornais com periodicidade e distribuição regulares, possuindo também uma duração maior (principalmente se comparadas ao período anterior). Também neste período, começa a surgir uma preocupação mais sistemática em relação à regularidade dos anunciantes, bem como ao público-alvo.

Parto da hipótese de que este processo de *reencantamento* apresenta uma tensão básica entre o “domínio intuitivo” e o “domínio racional”, transformando o processo iniciático numa busca incessante por superar este dilema. Como consequência, a possibilidade deste iniciante tornar-se um iniciado no tarot parece estar diretamente ligada à superação de uma armadilha, intrínseca à própria natureza deste processo iniciático, tal como ele vem se desenvolvendo a partir dos anos 80: na medida em que deseja – e “trabalha” para – “despertar” a sua “intuição adormecida”, pode terminar por “domesticá-la” racionalmente.

1 - Trilhando o “Caminho do Mago”³: A Iniciação como Processo de Reencantamento

Quando um sociólogo investiga um objeto de estudo como o mundo do tarot⁴, ele certamente se defronta com duas esferas de sentido distintas. A primeira diz respeito à dimensão racional, ou seja, àquilo que pode ser transmitido, ensinado através de procedimentos que são familiares às técnicas de aprendizagem escolar características da sociedade ocidental moderna, como, por exemplo, a estrutura do jogo ou mesmo a dimensão mais “objetiva” do significado das cartas.

- 3 O “Mago” é o início de tudo. Não somente do jogo, visto ser a primeira lâmina do baralho, mas também do processo iniciático como um todo. Os tarólogos enfatizam a importância desta carta, que carrega consigo, potencialmente, todo o “conhecimento” inscrito no tarot. Acreditam que a “viagem” feita através dos passos do Mago pode livrá-los dos perigos inerentes ao trajeto e que estão representados nas demais cartas. O Mago simboliza, portanto, a grande “cartada” para o domínio do jogo.
- 4 Chamo de “mundo do tarot” tanto o conjunto de referências existente sobre o assunto, quanto o universo de todos aqueles que, de alguma forma, se relacionam com o jogo. Incluo aqui basicamente três categorias: os tarólogos propriamente ditos, os estudantes e o público que recorre ao tarot, tanto de uma forma sistemática como esporadicamente. Esta última categoria é abordada apenas indiretamente.

Existe, porém, uma outra dimensão que não pode ser apreendida segundo esta perspectiva, levando o iniciante a partilhar, ainda que em diferentes graus, de todo um imaginário⁵ vivenciado pelas pessoas que pertencem ao mundo do tarot. Refiro-me a uma dimensão de encantamento presente no âmbito das relações da vida cotidiana, que carrega profunda tensão com as esferas desencantadas da modernidade. O iniciante no tarot parece buscar, através do aprendizado do jogo, algo que transcende o próprio domínio no manuseio das cartas, e que diz respeito à sua inserção neste universo, compreendendo mudanças profundas no conjunto de sua conduta cotidiana.

Max Weber já havia, ao longo de sua obra, chamado a atenção para a questão da conduta do homem moderno, com base no estudo da especificidade da racionalidade ocidental que, diferentemente de outras, alcançou uma dimensão organizativa e uma especialização nunca antes vista na história das mais diferentes sociedades. Conforme esclarece na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*,⁶ a “organização capitalística racional” empreendida pelo ocidente tornou-se realidade não somente por fatores de ordem econômica, referindo-se, com isso, a fatores explicativos inerentes ao próprio universo de disposições que se pretende compreender (no caso a racionalidade econômica).

Apontando para uma nova direção, elegeu como ponto de fundamental importância – mas não o único – elementos que, à

-
- 5 O imaginário das pessoas que pertencem ao mundo do tarot partilha os mesmos pressupostos do imaginário mais geral de um universo de sentido fluído e heterogêneo, que abarca diferentes redes mais ou menos interligadas. Para uma compreensão das orientações cosmológicas mais gerais deste universo, geralmente designado como “nova consciência religiosa”, cf. Luis E. SOARES, Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. [Para referências bibliográficas completas deste e dos demais títulos, cf. a **Bibliografia** abaixo.] Utilizando um outro termo – “nebulosa místico-esotérica” –, Françoise Champion também faz uma caracterização geral deste universo, abordando a questão das tensões internas decorrentes das diferentes orientações e posturas que podem ser encontradas; cf. Françoise CHAMPION, *La Nébuleuse Mystique-ésotérique*.
- 6 Cf. Max WEBER, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

primeira vista, poderiam relacionar-se à esfera privada do indivíduo. Enfatiza, portanto, a universalização de uma conduta racional, fazendo com que modos de agir e de pensar “não modernos” acabassem por perder influência no cotidiano do homem ocidental.

A eleição do ponto de vista adotado por Weber para a compreensão da especificidade da sociedade moderna ganha relevância, para os objetivos deste trabalho, quando associada à dimensão do que este pensador definiu por *desencantamento do mundo*.

À medida que a conduta racional ganha força a ponto de constituir-se como *ethos* dominante, já não cabe mais ao homem acreditar em forças explicativas extramundanas, que possam substituir seu próprio esforço pessoal. A despeito desta tendência em direção à secularização crescente, a modernidade sempre conviveu com esferas de conduta mágicas, em maior ou menor tensão com a autonomia alcançada pela esfera racional.⁷ desde o final dos anos 60 esta dinâmica de tensão vem ganhando novos contornos.

Neste sentido, presenciamos nos dias atuais uma pluralidade de movimentos que pretendem – de diferentes formas – questionar esta postura desencantada, através do reavivamento de valores e crenças “estranhos” à conduta dominante da sociedade ocidental moderna. Proliferam em diversos países, bem como em diversas regiões do Brasil, movimentos os mais diversos que, assumindo esse caráter, tem sido designados como alternativos.⁸

7 Veja-se, a propósito, as tensões entre a religiosidade emocional que comparece nos movimentos carismáticos, nos pentecostais, nas religiões afro-brasileiras e a opinião secularizada da grande imprensa. A ênfase da dimensão emocional constitui uma característica central, que atravessa a multiplicidade de grupos e orientações do que se convencionou designar por “novos movimentos religiosos”. Sobre esta questão, cf. CHAMPION; Danièle HERVIEU-LÉGER, *Présentation*.

8 Devido à multiplicidade de movimentos abarcados, esta designação tornou-se bastante problemática, tanto do ponto de vista analítico, como têm demonstrado vários autores (p. ex. SOARES, *Religioso por natureza ...*; Júlia M. HENRIQUES, *Horizontes de Bruma*; José J. CARVALHO, *Características do Fenômeno Religioso na Modernidade*), como entre os próprios adeptos, que atualmente vêm rejeitando esta designação. Apesar destes problemas, utilizo o termo, acentuando sua dimensão contrastiva.

Ao partilhar dos valores que conferem alguma identidade – ainda que muito fluída – a este conjunto de movimentos, o mundo do tarot insere-se no universo mais amplo da “nebulosa místico-esotérica”, tal como foi caracterizado por Champion.⁹ Dessa forma, também as pessoas que fazem uso do tarot procuram vivenciar, em alguma medida, uma percepção renovada de suas experiências diárias, traduzida na forma de um certo reencantamento da realidade cotidiana.

Muito embora não assuma contornos definidos, o que implica numa certa fluidez de fronteiras em relação às diferentes formas de inserção (com graus de intensidade variáveis) ao mundo do tarot, identifico na “visão de mundo” de todos aqueles que recorrem a este jogo, mesmo que esporadicamente, a presença de elementos “não-modernos”,¹⁰ interagindo, tensionando e reconfigurando o conjunto de suas representações sobre o universo cotidiano.

O simbolismo do tarot representa, para essas pessoas, a possibilidade de transpor o conhecimento pertencente aos limites do mundo desencantado, buscando conquistar uma nova compreensão de si mesmos, bem como de sua realidade cotidiana. Para aqueles que se iniciam no tarot, esta “busca” manifesta-se no desejo de desenvolver a habilidade de “ler” o jogo, objetivo perseguido por todos e cerne das tensões entre as duas esferas de sentido de que falei acima.

Ao considerarmos a dominância da “visão de mundo” racional-moderna – largamente partilhada por este iniciante

9 No bojo das discussões atuais em torno dos “novos movimentos religiosos”, Champion propõe a utilização do termo “nebulosa místico-esotérica”, para designar o universo contemporâneo – bastante heterogêneo – das religiosidades paralelas, do qual o movimento “*new age*” seria a corrente mais conhecida. Cf., em especial, CHAMPION, La Nébuleuse ...; ID., Religieux flottant, écletisme et synchrétismes.

10 Utilizo a noção de “não-moderno” por oposição ao conceito weberiano de “moderno”, que significa, neste contexto, “desencantado”, mundano-racional.

típico, oriundo das camadas médias urbanas –, uma questão se põe: como se realiza esse processo de transposição de uma compreensão intelectualizada do tarot para um conhecimento do jogo de outra ordem, por assim dizer “intuitivo”, no jargão específico deste meio? Quais mecanismos possibilitam-lhe “driblar” a postura desencantada de forma a “interiorizar o tarot” e construir um novo “olhar” sobre a realidade cotidiana?

Incorporando a abordagem fenomenológica de Alfred Schutz, tomei como ponto de partida uma de suas premissas básicas: a investigação da consciência ao nível das experiências dos agentes. O eixo de análise utilizado, portanto, enfocou a inter-relação entre pensamento e ação, enfatizando a dinâmica do processo de seletividade da consciência humana, elaborado no âmbito das experiências subjetivas.

Aproximando-se do pensamento weberiano, a realidade cognitiva – do ponto de vista fenomenológico – passa a ser tratada como fruto de uma construção que, em última instância, será sempre singular. Isso porque, apesar de encontrar um mundo já pré-determinado, repleto de códigos sociais aos quais terá de se adaptar, a partir da experiência contida em sua situação biográfica determinada o indivíduo imprime uma marca especial ao mundo, através de um processo contínuo de intersubjetividade.

A relação apresentada acima entre consciência e experiência ganha relevância na medida em que se enfatiza uma abordagem compreensiva do processo iniciático no tarot: abordar a especificidade do processo de transmissão e, conseqüentemente, vasculhar a dimensão cognoscitiva do agente que “atualiza” o tarot no âmbito da prática do jogo. Significa, portanto, compreender o seu processo de “experimentação”, os desafios na construção de uma relação de intersubjetividade com as cartas e com o “consulente” (aquele para quem o leitor vai “abrir” o jogo).

Desde o momento em que resolvi entrar no mundo do tarot, como pesquisadora e como estudante deste jogo, percebi que não se tratava apenas de um conjunto de técnicas e procedimentos no sentido de dominar intelectualmente um

determinado "conhecimento".¹¹ Sentir-se participante do mundo do tarot mostrou-se ser muito mais que isso. É compartilhar não somente de um conhecimento acessível ao domínio racional, mas também "vivenciar" o tarot enquanto um "projeto de vida": o objetivo último de quem pretende "conhecer" o jogo não diz respeito somente à sua utilização divinatória, mas principalmente a vivenciá-lo como um "instrumento de crescimento pessoal".

Neste sentido, parece-me necessário relativizar a questão da "entrada" no mundo do tarot como decorrente de uma *escolha* aleatória onde, no âmbito do mundo alternativo, essa opção seria quase casual: se, por ocasião dessa "entrada", a dimensão da escolha se faz presente, em algum momento ela deverá incorporar uma postura de adesão, vivenciada na forma de "necessidade".¹²

Pude também compreender, ao longo do meu processo iniciático,¹³ que o critério de pertencimento ao grupo encontrava-se diretamente relacionado à maior ou menor capacidade – aparentemente contraditória – de "possuir" o tarot (como controle do processo intuitivo) e ao mesmo tempo de ser "possuído" (na

-
- 11 O período ideal de aprendizado é uma questão controversa para os tarólogos: ao final de um curso o iniciante encontra-se automaticamente habilitado a exercer o tarot "profissionalmente", o que não significa que já saiba ler o tarot "intuitivamente". Para evitar problemas deste tipo, os tarólogos costumam distinguir os cursos de final de semana que assumem, com frequência, um caráter informativo, dos cursos formativos, que possuem maior duração.
 - 12 Distingo "necessidade" de "conversão religiosa". Para uma discussão sobre essa "liberdade" de escolha, abordando a questão das "culturas de gosto" desenvolvidas por Herbert Gans, cf. Luís R. VILHENA, *O Mundo da Astrologia*, p. 111-12, 118-19.
 - 13 A iniciação, tal como é concebida atualmente, possui uma história fortemente vinculada à ascensão, no final dos anos 60 e início dos 70, da chamada "contracultura", presente no movimento *hippie*. O tarot cresceu no bojo deste processo, ou melhor, a popularização do jogo, pois sua prática encontrava-se circunscrita às "Escolas Iniciáticas" (escolas de iniciação esotérica de caráter fechado). Com o "*boom*" do movimento alternativo durante a década de 80, o tarot saiu de seu confinamento, circunscrito às Escolas "fechadas", conquistando um espaço privilegiado no rol das inúmeras práticas alternativas.

forma de um transe) pelo tarot,¹⁴ interagindo com as cartas, na forma de um movimento espiral de crescente “integração cósmica”.

2 - Os Dilemas do “Caminho do Mago”: Iniciação ao Conhecimento “Intuitivo”

Jogar o tarot parece significar, para o iniciante, um aprendizado de reencantamento do mundo, compreendendo, do ponto de vista analítico, dois momentos distintos, onde o primeiro – congruente com o sistema dominante de significatividades modernas – diz respeito ao conhecimento intelectual do jogo. Neste nível o aluno realiza dois movimentos básicos: a assimilação do significado de cada carta¹⁵ separadamente e sua correlação com as “casas” de um jogo.

No entanto, a despeito da necessidade de uma apreensão analítica do significado das cartas, o primeiro contato com o tarot costuma ser feito na forma de uma observação “impressionista”: no momento da apresentação dos “Arcanos Maiores”, o iniciante costuma ser “tomado” por um sentimento ambíguo, compartilhando ao mesmo tempo estranheza e familiaridade na visualização das figuras. São imagens que assumem um contorno indecifrável para os não iniciados e, por essa razão, parecem exercer um fascínio sobre quem quer que se depare com elas, como pude observar várias vezes. Os tarólogos afirmam que, para se compreender

14 A questão das diferentes formas que a interioridade emocional pode apresentar é observada em diferentes grupos e não somente entre os adeptos do tarot, como demonstra o trabalho de CHAMPION, La Nébuleuse ..., p. 60.

15 O baralho de tarot é composto de 78 cartas, dispostas em dois grandes grupos chamados de “Arcanos”. O primeiro grupo, os “Arcanos Maiores”, compreende os 22 “trunfos” do tarot, sendo que todas as cartas representam figuras, humanas ou não. Os “Arcanos Menores”, por sua vez, podem ser facilmente confundidos com o baralho de cartas comum, utilizado nos mais diferentes jogos. A grande maioria dos iniciantes acaba tendo acesso somente ao grupo dos “Arcanos Maiores”, desconhecendo o significado das 56 cartas restantes. No entanto, segundo os tarólogos, pode-se perfeitamente realizar uma “boa” leitura utilizando-se apenas os “trunfos” do tarot.

uma lâmina, é preciso estar atento a todos os elementos inscritos na imagem, pois tudo passa a ser importante: as cores, vestimentas, posição das figuras, o ambiente em que se passa a cena, a ação que se executa. Essa atenção parece propiciar o que chamo de *percepção vivencial*, que deve ser conquistada através de uma postura “contemplativa” em relação às cartas: o professor costuma ressaltar a importância da meditação, utilizando-se a imagem do Arcano como forma de compreensão do seu significado mais “profundo”.

Concomitantemente à assimilação do significado básico de cada carta, o iniciante deverá aprender a relacioná-las às “casas” (existem vários modelos de jogo: a disposição de um jogo obedece a uma estrutura de “casas” com posições definidas). Assumindo funções específicas, por exemplo, nas “casas da pergunta, da resposta ou do caminho”, as cartas alocadas oferecem um mapa de investigação para o leitor. Dessa forma, o significado intrínseco das lâminas passa a ser decodificado a partir da posição adquirida no jogo.¹⁶

A busca desta passagem configura o primeiro desafio no sentido de se conquistar o domínio da leitura. O manejo das cartas (ênfata-se aqui o contato físico com as mesmas¹⁷), a partir dos primeiros

16 O início da experiência de jogar cartas é sempre muito marcante. Começa-se realizando pequenos jogos, que podem variar de 1 a 5 cartas, quase sempre com o objetivo de responder a perguntas bem específicas, objetivas: os “Arcanos” são embaralhados, para, em seguida, serem escolhidos aleatoriamente pelo consulente.

17 Esta é uma questão fundamental, que implica na posse de um baralho. A aquisição do primeiro baralho de tarot pode comportar todo um ritual: ele não deve ser comprado pelo iniciante, mas obtido por uma “oferenda”, feita por uma pessoa amiga, do sexo oposto. A posse do baralho, recebido em forma de dádiva, parece fazer alusão à dimensão do dom de leitura das cartas, que não é valorizada pelos adeptos, uma vez que a ênfase recai sobre a necessidade de se “trabalhar” a “intuição” nata. De qualquer forma, constitui um indício significativo das ambigüidades verificadas em torno desta questão. A propósito da centralidade conferida à categoria “trabalho”, no âmbito deste universo, ver SOARES, *Religioso por natureza...* e Sônia Werdner MALUF, *Les enfants du verseau au pays des terreiros*, cap. IV. CHAMPION também aborda a questão do “trabalho do dom” entre os tarólogos; cf. CHAMPION, *La Nébuleuse ...*, p. 59.

jogos, é considerado a condição de acesso ao desenvolvimento da “intuição”. Tal como o “bricoleur”, mencionado por Lévi-Strauss,¹⁸ o iniciante vivencia, de forma análoga, a experiência de remexer, recortar e compor seu próprio *modelo interpretativo*.

Cabe ao professor ajudar o iniciante a estabelecer as primeiras combinações (conteúdo da carta + conteúdo da “casa” = significado contextual da carta). Não se valoriza, portanto, o aprendizado do tarot exclusivamente através de livros, embora seja obrigatória a sua utilização. Ainda que se possa assimilar intelectualmente, através dos manuais de tarot, a significação individual de cada “Arcano” e de cada “casa”, o aluno encontrará dificuldades em manuseá-los: dentre as inúmeras possibilidades de contexto, ele terá problemas em adequar-se à especificidade da pergunta feita pelo consulente.

Visto por este ângulo, parece-me que, se por um lado, a “prática de jogo” (relação aluno-tarot) constitui elemento determinante na formação do tarólogo, por outro lado, o lugar ocupado pelo professor também é fundamental: acredita-se que o aprendizado não alcança êxito senão através de sua presença.

A despeito do sentimento inicial de estranheza nos primeiros contatos com o tarot, este nível não parece oferecer maiores dificuldades ao aluno, existindo mesmo inúmeros métodos e estilos de ensino, que variam de professor para professor: tudo isso pertence ao campo do “verificável”, daquilo que é possível de se “falar sobre”, daquilo que pode ser apreendido e comunicado ao outro. Afinal, trata-se ainda de uma combinatória entre significados de cartas e de posições no jogo.

A iniciação, porém, não se esgota neste nível: neste domínio racional não se pode ainda ter acesso à “revelação”¹⁹ de seu caráter *sui generis*. O objetivo último do aprendizado, portanto, reside na conquista deste terreno do “intraduzível” para os atores, de um conhecimento que só pode ser compreendido através da experiência e não através da exposição narrativa do mesmo.

18 Cf. Claude LÉVI-STRAUSS, *Pensamento Selvagem*.

19 Utilizo o termo “revelação” propositalmente porque, segundo os tarólogos, não existe outra forma de “conhecer” esta dimensão particular do tarot.

Para conseguir realizar uma leitura “intuitiva”, o iniciante percebe que não poderá “pensar sobre” as diferentes opções que surgem durante o jogo. Ele não pode ter “escolhas”, como fica evidenciado na seguinte afirmação: *quem escolhe é o intelecto, que precisa ser ultrapassado pela intuição.*

Mesmo tendo desenvolvido a percepção do significado decodificado das cartas no âmbito das “casas”, o iniciante normalmente encontra dificuldade para realizar uma leitura “holística” do jogo a partir do contexto específico da pergunta feita pelo consulente. Esta segunda passagem, quando não alcançada, costuma “paralisar” a leitura. Esta “ausência de idéias”, muito relatada entre os iniciantes, causa sempre um enorme desconforto e acaba apresentando-se, segundo os tarólogos, como contraproducente: ao procurar “sugar” do intelecto os conhecimentos já adquiridos, bloqueia-se o processo “intuitivo”.

Ao longo do aprendizado, o aluno deve aprender a não “temer” a leitura de um jogo, por mais confusa que possa apresentar-se à primeira vista. No entanto, em decorrência de uma disposição pessoal ou, eventualmente, de um sentimento de competição gerado ao longo de um curso, muitos iniciantes passam a ter medo de cometer algum “erro” de leitura diante de seus colegas.²⁰ Embora estenda-se por apenas alguns segundos, o tempo que compreende a contemplação das lâminas e o início do processo de interpretação é visto pelos iniciantes “como se fosse uma eternidade”, alternando-se o silêncio e o balbuciar de palavras desconexas.

A transposição deste momento, no entanto, efetua-se somente a partir de uma mudança de postura em relação ao tarot: esta costuma ser narrada através da idéia de que a leitura deve desconhecer o terreno da insegurança, do medo e da imaginação

20 A própria configuração atual dos cursos de tarot vem acentuando esta dimensão competitiva, na medida em que se enfatiza uma formação de caráter profissionalizante para posterior atuação no “mercado”. Embora esta questão seja constantemente abordada ao longo do processo de iniciação, ainda assim ela permanece problemática e ambígua.

(no sentido de fantasia).²¹ O domínio no manuseio das cartas compreende a articulação entre duas instâncias qualitativamente distintas, permitindo que o leitor, ancorado no conhecimento de ordem racional, possa então transcendê-lo em direção a uma leitura “intuitiva”.

Observei que estes dois momentos apresentados anteriormente podem ser traduzidos por *níveis de consciência*²² específicos: o primeiro se caracterizaria por um estado de *alerta total*, onde a *atenção* do leitor alcançaria o seu grau máximo, recorrendo, para isso, aos procedimentos de ordem racional; o segundo nível, por sua vez, compreenderia uma outra lógica, baseada no *fluxo contínuo da corrente de pensamento*, onde o relaxamento da tensão psíquica possibilitaria ao leitor um mergulho em sua *durée interior*.

Segundo os tarólogos, a passagem para esta última instância deve ser acessada através do próprio jogo. A entrada neste domínio é fator de fundamental importância para quem deseja tornar-se um iniciado, pois somente é considerada “verdadeira” uma leitura realizada neste *nível de consciência*.

E por que é tão importante a sua conquista? Ele encontra-se associado às mais variadas interpretações, indo desde as concepções psicologizantes, que focalizam este nível como sendo o domínio do inconsciente, até àquelas que lhe atribuem um *status* de “essência”, ou ainda de “ser espiritual”.²³ No

21 Os tarólogos “reconhecem” quando uma leitura é fantasiosa ou intelectual: alguns sinais externos podem ser verificados, como hesitação, repetição de jargões e leitura acentuadamente analítica. A verificação, no entanto, não se esgota neste nível, permitindo que um iniciado saiba “reconhecer” a leitura de um outro iniciado como “intuitiva”. Vale aqui ressaltar o fato de que muitas pessoas costumam abandonar os cursos de tarot exatamente neste momento: diante da dificuldade de manusear as cartas “intuitivamente”, alguns acabam por desinteressar-se do aprendizado.

22 Os conceitos de consciência, experiência, níveis de consciência, alerta total, fluxo contínuo da corrente de pensamento, *durée interior*, sistema de significatividades, experiência do nós, zonas de relevância, encontram-se referenciados nos trabalhos de Schutz; cf., em especial, Alfred SCHUTZ, *Fenomenología del Mundo Social*.

23 Segundo Champion, as diferentes orientações observadas podem ser reunidas em dois pólos principais: de um lado, a postura “psicologizante” e, de outro, a postura “espiritualizante”. As possibilidades de composições e rearranjos em torno destes dois limites são variadas. Cf. CHAMPION, *La Nébuleuse ...*, p. 52-69.

entanto, para além das diferenças, existe a crença de que este "lugar" estaria imbuído de "autenticidade", isento das máscaras do ego utilizadas no jogo da vida cotidiana.²⁴ Por esse motivo, a ele é atribuído um caráter "verdadeiro", confiando-se nas "revelações" feitas por um leitor que se encontre neste "estado".

O aprendizado não se apresenta como um processo linear. Aquele que pretende tornar-se um tarólogo deverá trilhar este caminho de uma forma que vejo como problemática, existindo muitos pontos de tensão, verdadeiras encruzilhadas na passagem ao domínio da "intuição".

Esta passagem é percebida como fundamental para a constituição da identidade de um iniciado, permitindo a saída da condição de *estranho ao grupo* para a conquista de uma *experiência do nós*. Buscar esta última condição implica não somente em dominar o jogo, mas também em uma aceitação do tarot na forma de um aprendizado constante. Os próprios tarólogos afirmam que *aprender a conhecer o tarot significa aprender a conhecer a vida*, onde o jogo comparece como veículo de "crescimento pessoal" de caráter esotérico, homólogo à própria vida.

É fácil perceber que quando uma pessoa decide estudar o tarot, todas estas questões ainda não existem para ela. Mesmo que esteja de uma certa forma incorporada ao mundo do tarot na condição de consulente, no processo de sua iniciação ela poderá manifestar um sentimento de estranheza com características muito peculiares a este tipo de aprendizado.

Este processo parece trazer consigo suas tensões: não somente o iniciante que busca este reencantamento possui um *background* de familiaridade com uma postura intelectualizada, que nem sempre é fácil de ser rompido, como também o próprio processo de iniciação enfatiza a necessidade de um treinamento de ordem analítico-classificatória. Somente a partir dos mecanismos pertencentes a este nível racional é que o iniciante pode operacionalizar – com "segurança" – o acesso a um outro *nível de consciência*.

24 Para uma abordagem clássica a respeito da manipulação do eu nos encontros intersubjetivos, cf. Erving GOFFMAN, *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*.

3 - O Domínio do Jogo: Buscando uma Percepção “Intuitiva” na Interação com o Tarot

Cabe aqui a seguinte pergunta: o que vem a ser o jogo de tarot? Não são poucos os que, mesmo vivenciando o processo de iniciação, costumam questionar-se sobre o significado do tarot em suas vidas. Na variedade de experiências possíveis, o iniciante aprende a construir sua própria representação acerca do significado deste conjunto de cartas após um longo tempo de convivência com elas.

A ênfase concedida à especificidade da *linguagem* do tarot entre os iniciados evidencia o seu caráter de sistema cognitivo. Esta perspectiva é adotada por Douglas,²⁵ quando enfatiza a importância do *ritual enquanto um mecanismo selecionador de experiências*, proporcionando ao agente a possibilidade de uma maior concentração no momento do ato ou, como no caso do tarot, do jogo.

Os tarólogos manifestam consciência deste “caráter instrumental”, viabilizando aptidões que transcendem o domínio mais “objetivo” de conhecimento das cartas, ao mesmo tempo em que reconhecem a importância deste “canal” e não de outro qualquer, no que diz respeito à aquisição e transmissão do conhecimento “intuitivo”: somente através deste sistema organizativo é que o seu acesso é concedido.

Neste sentido, ao longo do processo de iniciação, o ato de “jogar” desempenha um papel fundamental: permite o desenvolvimento de um conhecimento de “si-mesmo” e do “outro” – na forma de um “despertar” – através do aprendizado de uma “habilidade” específica.

Afirmações de tarólogos, tais como: “você pode botar o tarot sem baralho” ou “ninguém ensina o tarot, eu ensino a técnica”, desmistificam o tarot enquanto um objeto mágico no sentido corrente da palavra. Sua magia encontra-se presente, porém o suporte oferecido pelas cartas não configuraria um objeto de fetiche: sua manipulação concreta é tida como

25 Cf. Mary DOUGLAS, *Pureza e Perigo*.

instrumental, mas não imprescindível para a obtenção do conhecimento desejado.²⁶

Jogar tarot parece significar, antes de tudo, “ser espontâneo”, deixar-se “fluir” através de uma *corrente de pensamento*, sem a preocupação de se perder no emaranhado da corrente e, ao mesmo tempo, sem a preocupação de romper com a mesma. Ao tarólogo cabe permanecer no “tempo presente” desta *esfera de sentido*, pois no momento em que reflete sobre o que deve ou não ser dito, ou seja, no momento em que deseja conferir *sentido* racional ao seu ato, é neste momento mesmo que ele *desencanta* o tarot, levando junto a sua leitura.

Busquei compreender a leitura de um jogo considerando três níveis distintos de análise, que se apresentam em correspondência com as etapas verificadas no próprio processo de iniciação. O primeiro nível diz respeito à gama de significados característicos de cada “Arcano”, onde – para além das inúmeras possibilidades de analogia proporcionada pela carta –, em última instância, não se verificam maiores discordâncias em relação ao seu significado. Atribuo a este nível um maior grau de “objetividade”.

Em segundo lugar, existiria o que podemos chamar de “linha interpretativa” característica de cada grupo, das diferentes “Escolas”²⁷ de leitura do tarot. Neste nível, podemos observar

26 Embora se acredite que seja preciso muitos anos de contato com o tarot para que o iniciado consiga transpor esta fase, ao ponto de conseguir “jogar sem as cartas”.

27 A despeito da enorme variedade de cursos que podem ser encontrados na cidade do Rio de Janeiro (basicamente na Zona Sul), percebi, ao longo da pesquisa, a presença marcante de duas “Escolas”, com linhas distintas de formação dos seus alunos. Elas se constituíram ao longo da década de 80, a partir de um trabalho sistemático de dois tarólogos muito respeitados pelos profissionais do grupo. Imprimindo diferentes “estilos de jogo”, acabaram por influenciar fortemente a grande maioria dos tarólogos. Estes, mesmo quando possuem sua marca pessoal de leitura do jogo, acabam por identificar-se com um ou outro desses dois profissionais. A despeito das diferenças entre estes dois “estilos”, ambos buscam sua legitimidade compartilhando uma mesma preocupação com a “seriedade” da leitura como principal critério de validação de uma abordagem do tarot que se pretende “científica”. Como observa

nuances, mais ou menos fortes, com relação à “leitura pessoal”, muito influenciada pelo professor, por ocasião do aprendizado.

Por fim, considerando-se como necessária a passagem pelos dois níveis anteriores, o último nível apresenta a leitura no contexto de sua especificidade: o grau de subjetividade é máximo, permitindo ao leitor o acesso à “revelação” proporcionada pelo jogo. Para além de todos os ensinamentos assimilados pelo aluno, o ato da leitura carrega dentro de si o lugar do imponderável, transformando-se num evento singular e insubstituível.

Se a legitimidade da leitura é fruto deste aparente paradoxo – a subjetividade singular do jogo proporcionando a “objetividade intuitiva” da interpretação –, a aproximação com a abordagem etnometodológica deve então ser considerada: a preocupação com a ambigüidade presente no significado das palavras (no caso as palavras “oferecidas” pelas cartas) permite, no âmbito de uma leitura “intuitiva”, realizar uma *indexação* entre *conotações gerais e conotações de contexto*.²⁸

Em qualquer jogo, o grau de intensidade com que cada um dos níveis acima apresentados se manifesta varia de acordo com a maior ou menor “maturidade” do iniciante ou iniciado no manejo das cartas. Dessa forma, aquele que possuir uma maior “vivência” de jogo – que não se confunde com o tempo “objetivo” de prática de jogo – poderá realizar sua leitura neste último nível.

Champion, esta busca de legitimação “por dentro” da ciência é uma característica que atravessa os diferentes grupos da “nebulosa místico-esotérica”. Cf. CHAMPION, *La croyance en l’alliance de la science et de la religion dans les nouveaux courants mystiques et esoteriques*.

- 28 Procurando radicalizar a proposta fenomenológica, os etnometodólogos não diferenciam qualitativamente o saber sociológico do saber do senso comum. O objetivo passa a ser, portanto, o de compreender as situações cotidianas a partir da lógica (não subjacente) vivenciada pelos agentes na especificidade dos encontros. O *contexto* da situação representa o “material de trabalho” do sociólogo: a especificidade das condutas, das “práticas” e das justificações (*accounts*) adotadas pelos indivíduos são o objeto do cientista social. Para um esclarecimento preliminar da abordagem etnometodológica, cf. Allan COULON, *L’Ethnomethodologie*.

4 - Armadilhas do Aprendizado: A Iniciação como “Domesticação” do “Processo Intuitivo”?

O que se pode esperar do tarot enquanto jogo? Com relação às expectativas, uma questão central diz respeito à tensão existente, por parte dos tarólogos, em relação às cartomantes.²⁹ Os primeiros podem até mesmo apresentar orientações e posturas diferenciadas, mas no que se refere a um ponto, todos parecem concordar: as cartomantes não podem oferecer os mesmos *serviços*, se pensarmos em termos de oferta de bens simbólicos³⁰ dentro do universo ocultista.³¹ Para os tarólogos, o trabalho das cartomantes não pode ser analisado segundo os mesmos princípios que caracterizam o aprendizado do tarot: o “desabrochar” da “intuição” a partir de um *trabalho* específico, onde a legitimação de ordem racional-analítica moderna³² desempenha um papel fundamental.

A tensão entre essas duas formas de cartomancia fica evidente, pelo menos para os tarólogos, deslegitimando aqueles que utilizam a “intuição” em “estado bruto”, vale dizer, não organizado. Justamente porque se valem de uma “intuição” que não foi fruto de um processo, que não se encontra vinculada a

29 Para os tarólogos, o termo *cartomante* refere-se basicamente à pessoa que joga com cartas de baralho comum (embora existam cartomantes que joguem com o baralho de tarot). A diferença fundamental, no entanto, diz respeito à forma do aprendizado: este profissional desenvolve em geral sua aptidão sozinho ou através do grupo familiar, a partir da crença em um “dom” de nascença, possuindo uma espécie de “mediunidade” para captar as mensagens através das cartas. Falo em cartomantes no feminino porque no Brasil são uma minoria os homens que se dedicam a esta prática.

30 Esta questão encontra referência nos conceitos de *campo* e de *mercado de bens simbólicos*, desenvolvidos por Bourdieu. Ver Pierre BOURDIEU, *A Economia das Trocas Simbólicas*.

31 Chamo de *universo ocultista* todo um conjunto de práticas que se entrecruza com aquelas do *mundo alternativo*. Abarca não somente diferentes práticas esotéricas, mas também as de caráter religioso, como, por exemplo, o espiritismo kardecista, o hermetismo Rosa Cruz e alguns aspectos dos cultos afro-brasileiros.

32 Chamo aqui de legitimidade racional-analítica moderna os recursos metodológicos e os pressupostos que constituem a tradição da ciência moderna.

um *sistema organizativo*, as cartomantes não poderiam desenvolver a dimensão do “autoconhecimento”, tão presente no discurso dos tarólogos. Como consequência, elas acabariam limitando o seu “potencial de jogo” em função de uma visão pragmática que permearia a consulta destes profissionais.

Esta questão possui duas implicações: a primeira diz respeito à própria postura da cartomante diante do consulente, enquanto que a segunda refere-se à sua relação com as cartas. Para o iniciado no tarot, as cartomantes estariam em maior sintonia com o desejo do consulente, funcionando, muitas vezes, como seu “espelho”: abordando sempre as mesmas questões, estariam mais preocupadas em relatar “temas” por ele desejados.

O segundo ponto seria consequência deste, o que significa dizer que se as cartomantes estabelecem esta “relação direta”, não utilizando o “canal” (as cartas dispostas em jogo) de forma apropriada – organizada –, acabam por contar apenas com uma “intuição” fragilizada, propensa a cair na armadilha da imaginação, direcionada para a adivinhação do passado e do futuro do consulente.

É verdade que as expectativas em relação ao tarot são muito variadas, sendo talvez a questão da adivinhação uma das mais controversas. Existem mesmo alguns profissionais que admitem utilizar as cartas nesta direção. Mas, ainda nestes casos, é preciso delinear diferenças em relação às cartomantes. O caráter divinatório destas é visto com preconceito pelos tarólogos, na medida em que a ênfase recai sobre uma suposta “capacidade nata”. Tal aptidão tenderia a favorecer uma leitura fantasiosa.

Para o tarólogo, portanto, a busca do “imprevisível” numa consulta supõe todo um *trabalho* anterior. Tornando-se sinônimo de “autenticidade” na leitura do jogo, pode-se evitar, assim, as “frases feitas”, a repetição de assuntos, a divinação “manipuladora”, procedimentos considerados mais comuns no trabalho das cartomantes.

Este sentimento de imprevisibilidade – podendo variar de acordo com o “estilo” do tarólogo – faz parte do andamento “normal” de uma consulta. Diferencia-se da “insegurança” na

leitura, característica do iniciante, e evidencia a capacidade do tarólogo de encontrar-se “aberto” à sua “intuição”: manifesta a medida da sua competência.

O “imponderável”, portanto, configura o critério de “verdade” para os tarólogos na medida em que encontra-se alicerçado *num sistema organizativo de símbolos*, assimilado ao do processo iniciático. Para eles, as cartomantes não utilizariam as cartas de uma forma organizada, mas sim de forma aleatória e, conseqüentemente, manipulatória, razão pela qual sua leitura tende a não ser considerada como “séria”. Constituído-se como um grupo concorrente, as cartomantes costumam ser objeto de desconfiança por parte dos tarólogos, de forma a configurar uma ameaça aos valores e regras presentes e aceitas como “máximas”.³³

A expectativa dos profissionais do tarot em relação ao jogo transcenderia a deste outro grupo, na medida em que buscaria não somente a divinação, mas principalmente o “autoconhecimento”. Decodificando informações adquiridas através das cartas, visualizam-se os “pontos obscuros” de uma determinada situação, bem como o porquê da mesma constituir-se de uma forma ao invés de outra. Muitas vezes esta postura passa a ser confundida com a do terapeuta, constituindo mesmo uma qualidade entre esses profissionais. Prioriza-se esta atitude ao se realizar uma consulta: valorizam-se os encontros regulares com um mesmo cliente, com vistas a viabilizar um “tratamento”, ao invés de consultas esporádicas segundo a necessidade do mesmo.³⁴

Uma outra face desta postura terapêutica parece ser a importância concedida ao “contracenar” dos participantes, no

33 Ressalte-se que outros fatores podem intervir neste julgamento, reforçando este sentimento de desconfiança. Embora minha pesquisa enfoque somente o mundo do tarot, pode-se dizer que os tarólogos e as cartomantes configuram grupos sociais diferenciados: enquanto os primeiros pertencem, em sua grande maioria, às camadas médias urbanas, as cartomantes, por outro lado, provém, em geral, das camadas populares.

34 Esta postura tem sido dominante entre os tarólogos: se não se pode falar em “tratamento” em um sentido pleno, pode-se, ao menos, caracterizá-lo como um “tratamento auxiliar”, pois não são raros os casos de consulentes que, ao lado do tarot, recorrem, por exemplo, à psicanálise.

qual o acesso ao “imprevisível” estaria associado ao que chamo de *estrutura de negociação*: o resultado do jogo não está pronto, ele vai se construindo ao longo da consulta, com a participação ativa do consulente. Embora uma estrutura de negociação análoga possa ser encontrada na cartomancia, os tarólogos, ainda assim, tendem a desqualificar a interação característica deste meio a partir de duas críticas principais. A primeira refere-se à ênfase concedida ao “dom” nato da cartomante, em detrimento da própria dinâmica do ato de jogar, que compreende o leitor, o consulente e as cartas. A segunda, por sua vez, recai sobre a superficialidade dos temas abordados, que enfatizariam as questões conjunturais em detrimento de uma preocupação mais abrangente dos problemas apresentados pelo consulente.

O ritual do jogo, tal como é apreendido ao longo do processo iniciático, funciona como um sistema organizativo das experiências, constituindo um “conector” seguro para que a comunicação se estabeleça. É preciso, no entanto, que ambos os lados se orientem nesta direção, pois a ausência de “sintonia” poderá, no seu limite, inviabilizar o jogo.

Entretanto, se, por um lado, os tarólogos refutam a postura das cartomantes, por elas não valorizarem a interação com o consulente senão instrumentalmente e por apresentarem “as coisas já prontas”, eles, por outro lado, nem sempre assumem esta postura crítica em todas as suas implicações. Muitas vezes podem encontrar-se “fechados” em relação a um ponto específico da expectativa de muitos clientes, no momento em que estes, assumindo uma atitude mais contemplativa, priorizam o aspecto divinatório do tarot: o oráculo.

5 - Conclusões

Articular, no aprendizado, a dimensão “racional-moderna”, desencantada, e a “intuitiva”, encantada, parece ser uma experiência que compreende avanços e recuos, num processo ao mesmo tempo cumulativo e não-linear, possuindo pontos nítidos de ruptura na passagem de um estágio a outro, construindo-se fundamentalmente através de *saltos de consciência*.

Neste sentido, logo no início de um curso de aprendizado de tarot, o iniciante defronta-se com este dilema e “avança” no processo iniciático à medida em que consegue resolver uma questão de fundo: este domínio do tarot que não é passível de transmissão, “intuitivo”, é tido pelo senso comum como “nato”, não adquirido, sendo associado à “vidência”. O aluno quase sempre partilha deste imaginário (pelo menos em algum grau) no momento da sua entrada no curso de tarot, deixando-o muitas vezes inseguro diante de sua real capacidade de conquistar o domínio da “intuição” na leitura do jogo. O sucesso de seu aprendizado compreende uma trajetória complexa, marcada por ambigüidades, buscando superar este conflito.

A iniciação trabalha, portanto, com duas esferas de conhecimento distintas. A primeira situa-se no âmbito do que pode ser transmitido: posto que este grupo possui suas próprias *zonas de relevância*, o aluno deverá dominá-las, de forma a distinguir o que é importante do que é secundário para que consiga realizar a passagem à outra dimensão. A segunda refere-se a este “lugar”, onde o professor “mostra” ao aluno como jogar, mas onde ele deverá, solitariamente, realizar este *salto qualitativo* em sua experiência de aprendiz.

A busca da articulação entre essas duas instâncias não termina ao final de um curso de iniciação. Ao contrário, acredita-se em uma renovação constante, permitindo ao iniciado estabelecer um processo cotidiano de “interiorização” do tarot. A iniciação aparece aos olhos do aluno como acesso a uma habilidade específica. Mas esta possui limites bem definidos, visto que ele não poderá apropriar-se desta “magia” indiscriminadamente.³⁵

35 Fazer um “mau” uso do tarot significa o seu aprisionamento na esfera da negociação de poder: o tarólogo, nesse caso, não somente deixa de encarar a sua habilidade como uma “missão”, mas também acaba “tirando partido” de suas conquistas, no intuito de manipular informações, “transformando a energia do jogo”. Os limites entre o “bom” e o “mau” tarólogo são análogos aos da “magia branca” e “magia negra”. A diferença é que, no caso do tarot, o procedimento de leitura do jogo é o mesmo, a “intenção” é que muda. O trocadilho auxilia a compreensão: um “mau” tarólogo pode realizar uma “boa” leitura, “intuitiva”. O que é condenável passa a ser a utilização do tarot como instrumento de poder.

A respeito do dilema vivenciado no aprendizado, podemos tomar como referência o conceito de *alternação*, proposto por Berger e Luckmann: verificamos que o processo de iniciação no tarot manifesta, de forma aguda, a tensão característica das transformações não-totais da “realidade subjetiva”, ou seja, que não podem ser consideradas como uma “re-socialização”. Com relação à especificidade destas transformações, destaco o trecho seguinte:

São construídas com base nas interiorizações primárias e geralmente evitam abruptas descontinuidades na biografia subjetiva do indivíduo. Como resultado, enfrentam o problema de conservar a coerência com os primeiros e os tardios elementos da realidade subjetiva. Este problema, que não está presente nesta forma na re-socialização, que rompe a biografia subjetiva e reinterpreta o passado mas que relaciona o presente com ele, *torna-se tanto mais agudo quanto mais a socialização secundária tende para a re-socialização sem realmente coincidir com ela.*³⁶

Pois bem: o aprendiz do jogo encontra-se no limite desta tensão. Visto que o aprendizado caracteriza-se como um processo de reencantamento, ele realiza – em alguma medida – uma “conversão”, já que aderiu a valores alheios ao domínio da realidade da vida cotidiana da sociedade moderna. Por outro lado, ele também não pretende romper, nem mesmo desconsiderar os mecanismos pertencentes à racionalidade moderna. Ele persegue uma coerência com o mundo externo ao tarot, na medida em que a organização racional-analítica do acesso à “intuição”, uma “intuição” mediada, constitui o alicerce de sua legitimidade, diferenciando-se, assim, de outras práticas de cartomancia.

O aprimoramento “técnico” do aprendizado, portanto, configura a marca deste processo iniciático, tal como ele se desenvolveu, principalmente a partir da década de 80 (onde

36 Peter BERGER, Thomas LUCKMANN, *A Construção Social da Realidade*, p. 214, grifo meu.

o traço mais importante é a sua difusão através de cursos abertos). No entanto, pode apresentar-se, ao mesmo tempo, como *condição e limite* do “conhecimento” do tarot. Como consequência, uma armadilha a ser contornada: a *domesticação* do “processo intuitivo”, que implicaria em subordinar a “leitura” do jogo ao próprio processo de busca da legitimidade racional-analítica moderna. Uma legitimidade construída de forma ambígua e tensionada, ora enfatizando a dimensão “psicologizante”, ora a dimensão “mágica”, ou ainda “espiritual”.

O tarólogo enfatiza o caráter mágico do jogo de tarot, embora rejeite a postura adotada pelas cartomantes. Valoriza, sobremaneira, a dimensão intelectual de sua iniciação, como forma de legitimação de seu “saber”, um saber que, a partir de sua vertente “psicologizante”, almeja um reconhecimento científico.

A prática cotidiana do jogo representa o grande desafio para o iniciante. Deverá aprender a lidar com essas tensões, caso deseje que suas consultas tenham eficácia e ganhem legitimidade no mundo do tarot: deve saber interpretar as cartas, assemelhando-se a um terapeuta, “lendo” os sinais como um clínico; mas também “intuir” a partir do jogo, tornando-se um adivinho, um mago.

Bibliografia

- BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CHAMPION, Françoise. *La Nébuleuse Mystique-Ésotérique*. In: CHAMPION, Françoise e HERVIEU-LÉGER, Danièle. (Orgs.). *De l'émotion en religion*. Paris: Éditions du Centurion, 1990.
- _____. *La croyance en l'alliance de la science et de la religion dans les nouveaux courants mystiques et esoteriques*,

- Archives de Sciences Sociales des Religions*, v. 82, avril-juin 1993, p. 205-22.
- _____. Religieux flottant, écletisme et syncrétismes. In: DELUMEAU, J. (Org.) *Le Fait Religieux*. Paris: Fayard, 1993.
- CHAMPION, Françoise, HERVIEU-LÉGER, Danièle. Présentation. In: *De l'Emotion en Religion*. Paris: Éditions du Centurion, 1990.
- CARVALHO, José Jorge de. Características do Fenômeno Religioso na Modernidade. In: BINGEMER, Maria Clara. (Org.) *O Impacto da Modernidade sobre a Religião*. São Paulo: Loyola, 1992.
- COULON, Allan. *L'Ethnomethodologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- HENRIQUES, Júlia. *Horizontes de Bruma: os Limites Questionados do Religioso e do Político*. Brasília: UnB, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Pensamento Selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.
- MALUF, Sônia Werdner. *Les Enfants du Verseau au Pays des Terreiros*. Tese de Doutorado. Paris: École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1996.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenología del Mundo Social*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- SOARES, Luis Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: *O Rigor da Indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.
- TAVARES, Fátima R. G. *Mosaicos de Si: Uma Abordagem Sociológica da Iniciação no Tarot*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1993.
- _____. *Alquimias da Cura: Um Estudo sobre a Rede Terapêutica Alternativa no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 1997.

VILHENA, Luis Rodolfo. *O Mundo da Astrologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

Fátima R. G. Tavares
Rua Domingos Sávio, 124
Terra Nova, Itaipu
Niterói-RJ
24335-180